

Economia deve crescer apenas 0,7%

Brasil

Ipea revisa projeções e aponta o rigor da política fiscal e os juros altos como os responsáveis pela desaceleração da produção

Rio — O Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) voltou a rever, para baixo, a projeção para o desempenho do Produto Interno Bruto (PIB) — a soma dos bens e serviços produzidos no País neste ano — como resultado da desaceleração da economia. Em setembro, a estimativa do instituto, que integra o Ministério do Planejamento, era a de que a economia cresceria 1% em 1998. No

seu *Boletim de Conjuntura* de outubro, divulgado ontem, a projeção desceu para somente 0,7%.

Em todos os grandes setores da economia as estimativas foram rebaixadas: a agropecuária, para a qual se esperava em setembro uma queda de atividade de 0,8%, deverá ter uma queda de 2,3%. O PIB

da indústria, que no mês passado tinha previsão de pequeno crescimento de 0,4%, encolheu para 0,1%,

ou seja, vai ficar praticamente estagnado em relação a 1997. As estimativas de crescimento do setor de serviços caíram de 1,6% para 1,4%.

Conforme o Ipea, a retração da economia deve-se à combinação de uma política fiscal rígida com os juros altos. Possivelmente, no entender deles, a queda esperada para o PIB deverá concentrar-se nos próximos dois a três trimestres, já considerando o terceiro trimestre deste ano.

A partir do segundo trimestre de 1999 poderá ter início a recuperação do crescimento, sustentada pela expansão do consumo interno, do investimento e, talvez, das exportações.

Segundo o Grupo de Acompanhamento Conjuntural do Ipea, responsável pelo boletim, o cresci-

mento de 0,7% para o PIB previsto para 1998, implica rápida desaceleração da economia até o final do ano, porque a atividade econômica cresceu fortemente no segundo trimestre (1,4%).

Evitar uma redução do PIB no ano, dizem os técnicos, dependerá fundamentalmente da velocidade que se imprimir à queda das taxas de juros. Também para a produção

da indústria em geral em 1998 as estimativas do Ipea pioraram de setembro, quando a projeção era de queda de 0,7% para outubro, mês em que o órgão passou a prever uma retração de 1,9%, em consequência de uma redução de 3% na atividade da indústria de transformação (em setembro, imaginava-se que a queda na indústria de transformação seria de 1,8%).

A queda projetada para o ano atinge todos os segmentos, inclusive os bens de capital (máquinas e equipamentos para empresas), cujas taxas acumuladas no ano vinham sendo positivas até agosto. No caso dos bens de capital, observam os técnicos, a redução deve-se em grande parte à base elevada do segundo semestre do ano passado, quando o setor começou a se recuperar.